

O TEXTO RADIOJORNALÍSTICO EM SALA DA AULA

Marcelo Luiz Ferreira¹
Maria Angélica S.R. Martins (orientadora)²

¹Fadisc/Letras, marcelo@fmjovempn.com.br

²Unesp-FAAC/Ciências Humanas, masrm@uol.com.br

Resumo

A utilização do gênero jornalístico em sala de aula surge como uma proposta para desenvolver as potencialidades do aluno de ensino médio, no tocante à produção textual, e de integrá-lo ao universo em que vive. O uso do radiojornal deve-se à necessidade de trabalhar a precisão, a objetividade e a clareza como elementos essenciais à obtenção de um texto conciso, uma vez que há a impossibilidade de o ouvinte retomar a notícia e refletir sobre ela, como ocorre no texto impresso.

O objetivo deste trabalho, com base em experimentos realizados entre alunos do ensino médio (1º colegial), é o de apontar ao professor mais uma opção de utilizar a produção textual de forma lúdica, criativa, incentivando no aluno a ampliação do léxico e a escolha adequada dos vocábulos; a construção de frases claras e concisas; além de enfatizar a pontuação e a entonação adequadas, com o objetivo de causar diferentes efeitos de sentido no público-alvo.

Palavras-chave: produção textual, rádio, objetividade, concisão.

INTRODUÇÃO

Nos últimos 30 anos, observou-se uma dificuldade crescente na construção de textos coesos e coerentes entre os alunos de segundo grau. A partir da década de 70 a escola enfatiza a “informação” ao invés da “formação” do aluno, através do sistema de apostilas, que apresenta os conteúdos já preparados (e com exercícios gabaritados). Se por um lado este processo facilita ao professor ministrar as aulas; por outro, não permite ao docente adequar os conteúdos à clientela, a fim de estimulá-la adequadamente. Dessa forma, trabalhar o raciocínio lógico do aluno e conduzi-lo a novas descobertas, tornando-o apto a fazer inferências, tornou-se praticamente impossível.

Dessa forma, se o estudante não desenvolve a capacidade de análise e de síntese, de questionar e encontrar soluções diferenciadas de acordo com contextos variados, como esperar que produza textos opinativos nas redações dos vestibulares, se não foi estimulado a “pensar”?

Considerando esta dicotomia ensino informativo-formativo, refletimos sobre a possibilidade de o estímulo do aluno ocorrer em diferentes campos do saber, segundo apontam Raths et alii (1977), tendo o professor o cuidado de selecionar situações pertinentes ao desenvolvimento do aluno de forma global. Assim, a pesquisa (*inventio*) em busca de notícias; a seleção dos dados encontrados a serem empregados (*dispositio*); e a construção do texto (*elocutio*) utilizando recursos lingüísticos adequados ao contexto, itens fundamentais apontados por Aristóteles como a base de qualquer texto, poderiam ser canalizados para uma outra forma de expressão –

radiojornal – uma vez que o uso do jornal em sala de aula também passou a ser sugerido pelos parâmetros curriculares nacionais, como gênero textual a ser explorado.

Neste trabalho aponta-se um instrumental interativo entre professor-conteúdo-aluno, - a produção do radiojornal -, capaz de despertar um interesse maior nos educandos e de contribuir para a produção de textos concisos, objetivos e comunicativos.

COMUNICAÇÃO E EXPRESSÃO EM SALA DE AULA

Do latim “*communicatio*”, ação de repartir, de dividir, de comunicar, de conversar, comunicação define-se como o processo de troca de mensagem entre duas ou mais pessoas ou entre dois sistemas diferentes.

Para que o aluno possa se desenvolver nos estudos ou enfrentar o mercado de trabalho, posteriormente, torna-se necessário que saiba se comunicar, bem como cabe ao professor preparar suas aulas de forma a motivar os alunos a se adequarem a diferentes contextos.

O tema da aula a ser ministrada, dessa forma, poderá estender-se por uma hora ou desenvolver-se ao longo de um ano; no entanto, se a mensagem não for decodificada pelo aluno, esse conteúdo não atingirá seus objetivos. Segundo Vanoye (1996:160), é necessário que o professor receba *feedback* da classe, incentivando através de perguntas, gestos e sinais com a cabeça. As reações dos alunos possibilitam-lhe observar quanto de sua mensagem está sendo assimilada, para que ele possa adaptar suas aulas ou curso, de acordo com o avanço da aprendizagem.

Entretanto, esse *feedback* nem sempre é possível, pois depende do tipo da comunicação oral empregada. Pode ocorrer também uma *situação de não-intercâmbio* quando o receptor, ainda que presente no mesmo ambiente do emissor, fica impossibilitado da prática do *feedback*, como num discurso ou comunicação teatral e em programas de rádio ou televisão, cujo estilo não permita a participação do ouvinte ou telespectador por telefone, carta ou *e-mail*.

No rádio há maior dedicação do repórter ao fornecer detalhes, ordenando as palavras de forma concisa e conexa, para que o ouvinte mentalize a cena; já na televisão, o auxílio da imagem faculta a produção de um texto verbal mais sucinto.

A exposição oral em uma notícia ou em um discurso aproxima-se da comunicação escrita, necessitando de correção de vocabulário e de sintaxe, e da supressão de gírias ou termos vulgares. Segundo Vanoye (1996:169), a “*comunicação oral*” deve ser ***dita*** e não ***lida***. Em um texto escrito, pode haver grande número de informações, enquanto no texto falado as informações são diluídas, há pausas na fala, há entonação específica, o emissor olha para o público, ganha personalidade, emite gestos e expressão corporal. O professor, ao ministrar suas aulas, também deve se ocupar dos detalhes, pois observando o aluno e seu nível de interesse pela aula, pode alterar seu estilo de discurso, a entonação da fala e os gestos passando da comunicação *sem intercâmbio* (aula expositiva), para a *com intercâmbio*.

1 - Comunicação em linguagem oral e escrita

Há certos cuidados ao se enviar uma mensagem, pois quanto mais densa for, maior dificuldade terá o receptor para compreendê-la. O emissor deverá se certificar sobre o público alvo a ser atingido, a fim de utilizar o nível de linguagem adequado ao contexto.

O emissor necessita atentar para a importância do léxico utilizado na mensagem, pois deve ocorrer a decodificação por parte do destinatário. Segundo Jakobson (2001:81), quem fala não percebe os homônimos contidos na mensagem; embora o ouvinte capte esses problemas, como no exemplo da palavra “vão” (adjetivo, substantivo ou verbo “ir”).

A linguagem oral se desvincula da linguagem escrita e encontra seus próprios meios de comunicação à distância, através do rádio, da televisão e do cinema. Mesmo com o advento dos *mass media*, o registro oral a ser utilizado normalmente necessita da redação prévia do texto, pois diversas características devem ser consideradas, como o conteúdo da mensagem, o objetivo almejado e o “público alvo”.

A construção de um bom texto, com idéias objetivas e concisas exige do emissor conhecimento do assunto a ser abordado e das funções que a língua oferece. Nas salas de aula é comum encontrar alunos com “*obstáculos lingüísticos*”, que evidenciam problemas de aprendizagem, como pobreza de vocabulário e sintaxe deficiente (que rompe a coesão entre as frases), limitadores da explanação de idéias.

Segundo Vanoye (1996:170), na elaboração do texto torna-se essencial a criação do *plano*, pois dele depende a compreensão das informações transmitidas. Após deliberação sobre o tema ou enunciado, o plano será desenvolvido de modo a responder questões pertinentes ao assunto, aprofundando-se em suas características: ponto de vista histórico (cronologia, atualidade), ponto de vista técnico (diferentes óticas sobre o tema), ponto de vista sociológico (papel social inserido no contexto), ponto de vista literário (caso o fato seja tratado de forma poética, ficcional).

Com o estímulo à aprendizagem, à leitura, à aplicação de textos radiojornalísticos em sala de aula é possível fazer com que o aluno aumente seu vocabulário e sua expressividade, progredindo na capacidade de redigir. Trabalhar a seqüência lógica das idéias o levará a aprender o uso dos conectores adequados e das palavras que traduzam seus pensamentos com precisão: “*O conhecimento semântico possibilita ao aluno a aplicação do vocábulo adequado à situação, construindo um texto dotado de conexão, consistência e relevância*”. (Martins,1999)

A comunicação terá sucesso, se o receptor a compreender. Dessa forma, mesmo os desvios da norma culta padrão tornam-se aceitáveis de acordo com a sociolingüística, caso atendam ao contexto, pois se o receptor compreender a mensagem, a comunicação se efetivará.

2 – Texto e teoria da comunicação

A teoria da comunicação (Jakobson, 2001:123) elenca fatores constitutivos – remetente-mensagem-destinatário-canal-código-referente --, para que haja o contato, atribuindo uma função da linguagem (emotiva, poética, conativa, fática, metalingüística e referencial) a cada um desses elementos. O texto jornalístico utiliza as funções

referencial e a metalingüística, primordialmente, por serem específicas, destinadas a contextos como informações e definições claras e precisas.

O conhecimento dessas funções e sua aplicação a diferentes contextos surge como pressuposto básico para que o professor introduza os alunos a variados usos da linguagem, ensinando-lhes a viabilidade de formas expressivas diferenciadas e concorre para abolir as fronteiras entre o “certo” e o “errado”, de acordo com os preceitos da sociolingüística.

Na sociedade atual, o uso incorreto da linguagem demonstra baixo nível intelectual e pode acarretar a exclusão social do indivíduo. Considerando que a comunicação manifesta-se em diversas situações, seja no contato com amigos e familiares, ou em uma entrevista para um emprego, posteriormente, quando o indivíduo for questionado sobre suas qualificações pessoais e profissionais, se o emissor não souber ordenar suas palavras, organizar suas idéias, e transmiti-las com clareza, o contato não ocorrerá. Cabe ao professor, portanto, atentar para este problema elaborando com os alunos a organização das idéias e o aprimoramento da linguagem, aproximando as fronteiras entre coloquialidade e norma culta, como ocorre nos textos radiojornalísticos.

DOS SINAIS DE FUMAÇA ÀS ONDAS DE RÁDIO

Como proposta para introduzir a linguagem radiofônica, o professor poderá comentar o texto da prova de redação do vestibular da Unicamp 2005, cujo tema foi justamente o rádio e seu papel na comunicação de massa, e ampliar as informações fornecidas pela COMVEST - Unicamp na prova, narrando um pouco a história do rádio no Brasil e no mundo.

Um histórico sobre este tipo de comunicação será pertinente para situar os alunos no contexto, por exemplo, informando que a humanidade, antes da língua escrita, já se comunicava por gestos, ruídos e muitos outros símbolos, e que ao longo dos anos a comunicação à distância aprimorou-se por meio dos “sinais de fumaça” indígenas e dos “pombos-correio” da era medieval, atingindo todos os continentes, no início de século 20, através das ondas de rádio emitidas pelo instrumento criado por Marconi em 1901. Também conviria informar que a primeira transmissão de Rádio no Brasil, oficialmente relatada, ocorreu em 7 de setembro de 1922, iniciando-se a comunicação de massa.

“No telefone, tem-se uma comunicação bidirecional e privada entre duas pessoas. O Rádio pressupõe um fluxo unidirecional e público, no qual se envia uma mesma mensagem para centenas ou milhares de pontos de recepção. Essa diferença, hoje óbvia, representa um marco na história da comunicação humana”. Ferrareto (2001:79)

A partir da década de 30, o rádio no Brasil começa a adquirir maiores proporções. A programação populariza-se, reservando horários para programas humorísticos e de auditório. Com o alto número de analfabetos no Brasil, torna-se indispensável a propaganda radiofônica, em que a público não precisa ler o texto em jornais ou panfletos, mas apenas ouvi-lo. A captação de recursos financeiros

provenientes das propagandas surge como ferramenta fundamental para o crescimento do Rádio.

1 - Característica do rádio como meio de comunicação

No ano de 1932, alguns fatos foram essenciais para a consolidação do Rádio como veículo de comunicação de massa. Nesse momento, regulamentou-se o uso de publicidade radiofônica, além da própria Revolução Constitucionalista, em que as transmissões das emissoras paulistas mobilizavam a oposição ao governo Vargas.

“Quando em Julho do mesmo ano irrompe a Revolução Constitucionalista, o veículo adquire importância política estratégica. Durante meses, as transmissões das emissoras paulistas – em especial da Record – mobilizam a oposição ao governo Vargas. A partir daí, a sociedade toma consciência das possibilidades econômicas e políticas do rádio”. Ferrareto (2001:102-103)

Entretanto, com o advento dos transistores, chegam ao Brasil no final dos anos 50, os primeiros aparelhos de rádio com possibilidade de uso de pilhas. A popularização em massa destes aparelhos ocorreu no decorrer dos anos 60. Com o valor cada vez mais acessível à população, o rádio torna-se mais presente nos lares de pessoas de diversas classes econômicas. A transmissão das informações no momento em que elas ocorrem, deram ao rádio o imediatismo e a agilidade que conquistam os ouvintes.

Dessa forma, justifica-se a abordagem desse meio de comunicação como objeto de estudo do presente trabalho, considerando sua grande abrangência também entre os jovens, o que facilita ao professor a utilização de uma nova metodologia de trabalho.

TEXTOS JORNALÍSTICOS EM SALA DE AULA

1 - Texto impresso

A produção de textos, tanto entre os alunos das últimas séries do nível básico, quanto entre os de nível médio, tem demonstrado que o estudante com baixo vocabulário cria textos pobres e de fraco conteúdo. Nesse sentido é que se sugere a leitura de bons livros e também de textos jornalísticos, o foco deste trabalho. No dia-a-dia do aluno, nem sempre há um contato rotineiro com o jornal e, segundo Souza (2002:58), isso acontece principalmente com os da zona rural, pois os do contexto urbano mantêm um contato maior com ele, seja na procura de empregos, leituras de manchetes, ou consulta aos classificados de compra e venda.

As notícias utilizadas em sala de aula referem-se ao cotidiano, aos bastidores da televisão, aos esportes e à política, pois constituem assunto de interesse coletivo, uma vez que priorizam acontecimentos sociais e despertam maior interesse e incentivo à continuidade da leitura.

Remeter o aluno à criação destes gêneros textuais possibilita ao professor iniciar ou reforçar alguns estilos do discurso. Segundo Souza (2002:61), pode-se separar os discursos em: “*discurso interativo*”, em que o emissor envia uma mensagem a um ou mais destinatários com uma relação afetiva (carta aos familiares por exemplo);

“*discurso teórico*”, usado em textos científicos, técnicos, havendo neutralidade de posicionamento e impessoalidade; “*discurso da argumentação*”, em que o locutor necessita expor razões, justificativas, ou seja, argumentos para convencer o interlocutor.

A produção de textos jornalísticos ainda recorre aos recursos verbais e não-verbais. Enquanto os verbais baseiam-se nas formas da língua organizadas em enunciados, os não-verbais ocupam-se de movimentos faciais e da entonação na fala; no caso do jornal impresso, do título, subtítulo e do tamanho ou formato da letra. Assim, uma notícia de jornal cuja manchete apresente letras grandes e espessas, certamente chamará a atenção do leitor para seu conteúdo, bem como a entonação e a ênfase que o locutor imprimir às manchetes dos radiojornais.

O jornal em sala de aula possibilita ao aluno obter informações constitutivas da linguagem que, habitualmente, em exercícios comuns ainda aplicados, não conseguiria descobrir. Segundo Cunha (2002:167), entre os elementos que constituem a linguagem são participantes o lugar, o tempo, o propósito comunicativo etc. Tais elementos, nos sistemas de ensino de linguagem ainda empregados em sala de aula, ficam inacessíveis ou não despertam a curiosidade do aluno para refletir a esse respeito.

O ensino da língua ainda hoje utiliza frases e palavras isoladas e o que sugere Faria (1994:112), é que o uso do jornal em sala de aula, partindo-se de sua leitura crítica, pode conduzir o aluno a redigir textos jornalísticos e jornais escolares, expressar seus conflitos e interesses em uma atividade prática, em que diversos recursos da língua possam ser aplicados.

2 - Texto radiofônico

O material didático apresentado ao aluno de nível médio, no tocante à produção de texto, aborda o ensino de narração, descrição e dissertação, situando cada tópico em uma das séries do curso colegial. Dessa forma, a narração surge nos livros / apostilas destinados ao 1º colegial.

Neste contexto, o presente trabalho foi desenvolvido e aplicado a alunos de uma escola da Rede Pública, como objeto de estudo para fins de monografia apresentada como conclusão do curso de Letras.

Observou-se durante o experimento, que preparar o aluno para se expressar através de textos radiojornalísticos propiciar-lhe-ia o treino necessário à elaboração de uma mensagem concisa, sem que a comunicação sofresse desvios de interpretação.

Em mídia impressa, o receptor pode reler o texto da notícia para análise; entretanto no Rádio, como essa possibilidade não existe, após transmitida a mensagem, a comunicação deverá obrigatoriamente ser compreendida. Por esse motivo, o texto a ser irradiado não poderá gerar duplo sentido, dúvidas ou fornecer dados incompletos ao receptor.

Enquanto a televisão inclui na narração da notícia imagens e sons, e no jornalismo impresso o leitor pode ler e reler o texto para seu maior entendimento, no radiojornal há apenas uma chance de atingir o ouvinte, através dos recursos sonoros.

Como o intuito é transmitir uma mensagem a ser facilmente compreendida, deverá ser aplicada toda a atenção possível à elaboração do texto radiojornalístico, pesquisando-se quem será o público-alvo, para se definir o estilo do texto, evitando o uso de palavras pouco conhecidas, pois a má interpretação da mensagem poderá causar duplo sentido ou até mesmo sua incompreensão.

O texto deve ser previamente redigido, conter todas as informações possíveis, estar bem resumido, objetivo e conciso, segundo Cabello (cf: Bianco&Moreira, 1999:26). A objetividade facilita ao receptor não só a compreensão, mas também a memorização da mensagem, caso seja empregado um texto simples e a utilização de um vocabulário conhecido. Quanto à produção de textos concisos, Cabello sugere a compactação do assunto, o resumo da informação, ressaltando o foco principal do fato, o uso de frases curtas, facilitando o entendimento e a lembrança. As palavras utilizadas no texto não devem ser aplicadas a esmo, mas levar à reflexão.

A produção de textos jornalísticos leva o aluno a analisar o fato noticioso, se o professor explorar a objetividade e a concisão. Ao resumir o fato, ensina o aluno a encontrar termos curtos, que substituam os longos e a encontrar palavras que normalmente não fariam parte de seu vocabulário habitual.

“O bom senso indica que a mensagem com o menor número possível de signos – no caso, as palavras – é mais facilmente compreendida pelo público. Busca-se, deste modo, dosar a qualidade da informação com a quantidade de texto em que ela é explicada”. Ferrareto (2001:34)

O estilo do texto a ser empregado no radiojornal depende não apenas do conhecimento prévio da gramática, mas também da capacidade de elaborar uma mensagem que produza determinado efeito de sentido no destinatário. Assim, uma notícia sobre economia, séria, envolve recursos lingüísticos diferentes daquela relacionada a um crime, em que se aplica uma linguagem dramática, emotiva.

Ensinou-se aos alunos, no experimento realizado, que qualquer das situações mencionadas, o texto nunca deve ser escrito em um estilo científico, extremamente dentro da norma culta padrão, pois somente uma minoria o decodificará. Deve-se atentar para a aproximação da norma culta com o coloquialismo. A mensagem radiofônica obviamente será ouvida e não lida, necessitando ser clara e de fácil compreensão.

O ouvinte tem somente uma chance de receber a mensagem de entendê-la; portanto, para que esse momento não se perca, torna-se necessário criar uma mensagem curta, resumida, que contenha todo o fato noticioso, elaborada de forma coesa e coerente para uma rápida assimilação, sem que o ouvinte se esforce para isso. Caso haja falta de coesão no texto, o destinatário poderá não compreender, sendo que sua atenção seguirá para o próximo assunto, perdendo-se o anterior.

O professor necessita alertar os alunos para o fato de que a atenção do ouvinte é facilmente desviada sobre o que ocorre a sua volta; ele pode não estar exclusivamente ouvindo rádio, pois é muito comum envolver-se, paralelamente, em outra tarefa, como dirigir um veículo, trabalhar em oficina mecânica, portaria, cozinha etc. Segundo César (1989:119), raramente se ouve rádio sem estar desempenhando

outra tarefa, e para que o ouvinte entenda o que o locutor diz, é necessário despertar sua atenção utilizando uma linguagem fácil e objetiva. Dessa forma, o texto radiojornalístico deve criar instantaneamente uma imagem do fato na mente do ouvinte, só assim o objetivo de informar será alcançado.

Como não se fala do mesmo modo que se escreve, surge, então, a complexidade de criação do texto radiojornalístico. O texto não é escrito para se lido, e sim para ser falado e ouvido. Sua produção envolve, portanto, escolha adequada dos vocábulos, construção frasal simples e bem elaborada, para que o conteúdo seja comunicado.

Procurou-se despertar nos alunos a compreensão sobre a escolha vocabular, as construções curtas e objetivas, a expansão das idéias em enunciados claros, coesos e coerentes.

Como o objetivo é atingir um público-alvo específico, o ouvinte do programa em questão, os alunos foram motivados a criar textos noticiosos capazes de captar e manter a atenção do receptor. Esse trabalho envolveu, portanto, não apenas noções lexicais, como também conhecimentos sobre a relação emissor-receptor, as funções da linguagem, além da gramaticalidade necessária a tornar a mensagem clara, interessante e objetiva.

O resultado foi a montagem / gravação de radiojornais elaborados pelos próprios alunos, com resultados que atingiram plenamente os objetivos propostos, sendo que o processo, desenvolvido ao longo de quatro encontros, finalizou com a apresentação dos trabalhos pelos alunos.

A LINGUAGEM RADIOFÔNICA NO NÍVEL MÉDIO

1 - O ensino da Língua Portuguesa e o texto radiojornalístico.

O atual sistema positivista é empregado pelos professores no ensino da Língua Portuguesa há décadas. É um procedimento antiquado que, infelizmente, perdura até os dias atuais. O professor segue unicamente o currículo escolar e, de maneira alienada, sente-se desestimulado a produzir, adaptar, criar novos métodos de ensino para a melhoria do processo de ensino-aprendizagem.

Soluções alternativas devem ser empregadas em sala de aula, para que, captando e mantendo a atenção do aluno, o processo de ensino-aprendizagem se efetive.

“A crise do ensino de língua portuguesa se prende, entre outros fatores, à permanência do uso exclusivo do texto literário em sala de aula. Não um texto qualquer, mas àquele que uma elite selecionava como sendo o de “bons autores”(…). Aqueles textos que ficaram conhecidos como os clássicos das antologias escolares”. (Faria, 1994:7)

O que se sugere neste trabalho é justamente colaborar com o professor, para criar métodos prazerosos para aplicar em sala de aula, e convencê-lo de que textos radiojornalísticos podem ajudá-lo nesta missão. O grande desafio é fazer com que o

aluno reproduza em linguagem radiofônica, um fato ou uma notícia previamente anunciada por outra fonte qualquer.

A produção do texto radiojornalístico situa o aluno na posição de Redator. Ao se deparar com o fato, ou notícia a ser transcrita para o Rádio, ele deverá certificar-se de que estarão disponíveis as respostas para algumas perguntas essenciais: *o quê? quem? quando? onde? como? por quê?*, como sugere Ferrareto (2001: 203)

Os exercícios em sala de aula podem também seguir a ordem inversa, em que o professor divide os alunos em equipe e, com sugestões dos mesmos, cria uma notícia a ser trabalhada. Essa notícia é formada pelo *lide*, também chamada de *cabeça*; a palavra *lide* é aportuguesado, do inglês *lead*, que significa *guiar, encabeçar, conduzir, induzir*.

O lide está concentrado nos primeiros parágrafos do texto e resume sucintamente o fato, orientando o ouvinte sobre todos os tópicos da notícia. Para tanto, deve responder às questões da fórmula “3Q + O + C + P” (*O quê? Quem? Quando? Onde? Como? Por quê?*); as respostas poderão ser transcritas no quadro negro. Nesta ocasião, os alunos copiariam em seus cadernos esses tópicos, procedimento raro, atualmente, devido ao emprego apenas de livros didáticos. Escrever faz com que o aluno reflita sobre o assunto e, assim, estimula o surgimento de novas idéias.

Completados esses tópicos, parte-se para a prática, em que cada equipe apresenta oralmente a notícia. O professor instrui o aluno sobre o fato de que a notícia a ser divulgada não é criada apenas para satisfazer sua solicitação, mas para os ouvintes em geral; ou seja, torna-se necessário que o texto chame a atenção do ouvinte, motivando-o a ouvi-la na íntegra. Esse exercício estimula o aluno à prática da redação, ensinando-o a ordenar e a resumir idéias, a fim de criar textos curtos, objetivos, concisos e coesos. Esse processo também conduz ao emprego correto da concordância verbal, tópico muito deficitário nas redações de alunos.

A entonação, a escolha dos vocábulos, a pontuação adequada, devem ser trabalhados pelo professor, a fim de que o aluno/locutor tenha em mente a necessidade de captar/manter a atenção do ouvinte, produzindo nesse processo textos criativos, bem articulados, com frases curtas e concisas. Dessa forma ensina-se, por exemplo, a utilização das pausas, (barras, vírgulas) a perfeita articulação dos vocábulos e a seleção dos termos adequados à transmissão precisa da idéia.

Tais recursos podem ser otimizados, na prática, nos trabalhos em grupo, pois devido ao individualismo entre os jovens, torna-se imprescindível que o professor estimule o desenvolvimento dos trabalhos como um exercício coletivo, em que todos participem, opinem, critiquem, e sejam incitados ao convívio em grupo. Exemplo:

“Corpo de Bombeiros utiliza um rebocador para tentar a retirada de baleia morta / encontrada na manhã desta sexta-feira / na praia da Barra / no Rio de Janeiro.”// (Hora da notícia- Jovem Pan AM – dia 05/08/05 11:00h)

Transcrita para o quadro abaixo, e separada em tópicos:

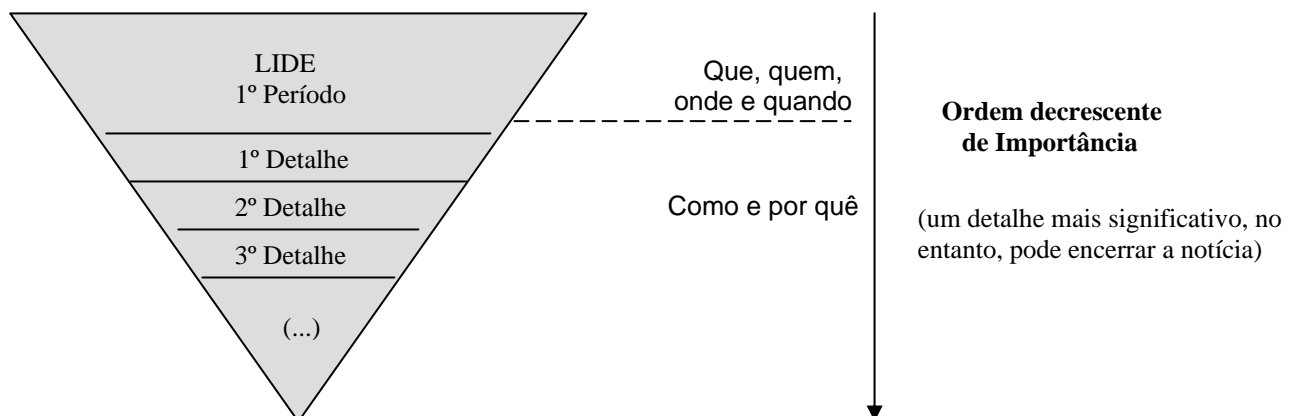
Perguntas	Assunto
-----------	---------

O quê?	Retirada de baleia morta
(Por) Quem?	Corpo de Bombeiros
Quando?	Sexta-feira, 05 de Agosto de 2005
Onde?	Praia da Barra, Rio de Janeiro
Como?	Através de um rebocador
Por quê?	Porque ela está morta (sem locomoção, peso)

Após essa distribuição dos dados, pode-se realizar a operação inversa, ou seja, pede-se ao aluno para redigir a notícia impressa, obedecendo a critérios de ordem dos assuntos. Essa ordem, ou seja a estrutura da notícia, é definida por Ferrareto:

“O texto radiojornalístico é um resumo que inicia sempre pelo aspecto mais importante do fato, hierarquizando os detalhes restantes (técnica de pirâmide invertida). A notícia no rádio não é, entretanto, apenas correspondente ao lide da imprensa escrita. Possui suas próprias características para abertura e desenvolvimento do texto e, em seu conjunto, deve responder às indagações clássicas do jornalismo”. (2001:202)

Técnica da pirâmide invertida:



A parte superior da pirâmide contém informações relevantes sobre notícia, são os primeiros parágrafos, o lide. Posteriormente, há o corpo do texto, com as demais informações sobre o fato. Essa técnica torna a notícia objetiva, permitindo ao ouvinte captar rapidamente a idéia apresentada, em curto espaço de tempo, conquista fundamental para o radiojornal.

A proximidade entre o emissor/locutor e a captação da mensagem pelo ouvinte efetiva-se no texto radiofônico, devido às oscilações entre os níveis de linguagem, que abrangem desde a norma culta até o coloquialismo. Dessa forma, a produção desse tipo de texto em sala de aula permitirá ao aluno desenvolver sua habilidade para trabalhar com diversas variações lingüísticas, utilizando diferentes registros, de acordo com o contexto, desenvolvendo sua capacidade para organizar os assuntos e produzir, enfim, textos coesos e coerentes.

“A Língua Portuguesa é uma unidade composta de muitas variedades. O aluno ao entrar na escola, já sabe pelo menos uma dessas variedades –

aquela que aprendeu pelo fato de estar inserido em uma comunidade de falantes. Certamente, ele é capaz de perceber que as formas da língua apresentam variação e que determinadas expressões ou modos de dizer podem ser apropriados para certas circunstâncias, mas não para outras". (PCN Língua Portuguesa, 2001:81)

2 - A seleção das notícias e a montagem do radiojornal – aula prática

A sequência das notícias no radiojornal poderá ser ensinada aos alunos, de acordo com o padrão “pirâmide invertida”, cujo objetivo é promover a ordenação do raciocínio quanto à seleção dos fatos encontrados e à organização das idéias. Assim, o professor apresentará um esquema em que surjam notícias locais, regionais, nacionais, internacionais e esportivas, precedidas pelas manchetes e intermediadas pelas vinhetas.

A seguir, virão as notícias nacionais, as internacionais e os esportes. A seleção das mesmas constitui uma oportunidade para o professor debater com os alunos conteúdos de interesse geral, necessários a seu desenvolvimento cultural.

Um novo passo nesse processo é a apresentação do texto para a sala de aula, preferencialmente com locutores duplos, para que, juntamente com os colegas o professor possa analisar se os objetivos foram alcançados. Dessa forma, haverá um estímulo para a produção geral do radiojornal, podendo os alunos também gravá-lo, introduzindo vinhetas e fundo musical, para uma apresentação mais elaborada.

Tais recursos visam estimular a criatividade, o treino vocabular e a capacidade de expressão dos alunos, tornando-se facilitadores do processo de ensino-aprendizagem de língua portuguesa.

CONCLUSÃO

O trabalho com o texto radiojornalístico oferece ao professor mais uma possibilidade de produzir formas alternativas e criativas para a motivação dos alunos, aperfeiçoando os métodos de ensino-aprendizagem, na produção de textos. Essa proposta, além de despertar o educando para o contexto de mundo em que vive, à procura das notícias, também o ensina a selecioná-las de acordo com a proposta apresentada e a analisar a linguagem adequada à situação.

A produção de texto radiofônico, ampliando o uso do jornal em sala de aula, aprimora e desenvolve, a capacidade dos alunos de redigirem textos objetivos, coesos e coerentes, adequados a cada situação, além de contribuir para a formação de cidadãos conscientes, através das mensagens que transmitem a seu público-alvo.

A intenção deste trabalho não é induzir à formação de radiojornalistas, mas possibilitar o desenvolvimento da redação objetiva do aluno, ampliar seu universo crítico e sua capacidade de comunicação e expressão; embora, indiretamente, também possa contribuir para a formação de possíveis jornalistas.

Referências Bibliográficas:

- CABELLO, A.R.G. – *A Expressão verbal na linguagem radiofônica*. In: DEL BIANCO, N.R. & MOREIRA, S.V. (orgs) - **Rádio no Brasil – tendências e perspectivas**, Ed. UERJ – UNB, 1999.
- CESAR, C. - **Como falar no rádio prática de locução AM/FM**, 9ª ed., São Paulo: Ibrasa, 2002.
- CUNHA, D.A.C. – *O funcionamento dialógico em notícias e artigos de opinião*. In: BEZERRA, M.A.; MACHADO A.R.; PAIVA, A. (orgs.) - **Gêneros textuais & ensino**, 2ª ed., Rio de Janeiro: Lucerna, 2002.
- FARIA, M.A. - **O Jornal na sala de aula**, 4ª ed., São Paulo: Contexto, 1994.
- _____ & JUNIOR, J.Z. - **Para ler e fazer o jornal na sala de aula**, São Paulo: Contexto, 2002.
- FERRARETTO, L.A. - **O Veículo, a história e a técnica**, 2ª ed., Porto Alegre: Sagra Luzzatto, 2001.
- JAKOBSON, R. – **Linguística e comunicação**, São Paulo: Cultrix, 2001
- RATHS, L. – **Ensinar a pensar – teoria e aplicação**, 2ª ed., São Paulo: E.P.U.: 1976.
- SOARES, M. – **Linguagem e escola – uma perspectiva social**, 11ª ed, São Paulo: Ática, 1994.
- SOUZA, L.V. - *Gêneros Jornalísticos no letramento escolar inicial*. In: BEZERRA, M.A.; MACHADO A.R.; PAIVA, A. (orgs.)- **Gêneros textuais & ensino**, 2ª ed., Rio de Janeiro: Lucerna, 2002.
- VANOYE, F.- **Usos da linguagem: problemas e técnicas na produção oral e escrita**, 10ª ed., São Paulo: Martins Fontes, 1996.

Tese consultada:

- MARTINS, M.A.S.R. – **Aprender a pensar: um desafio para os vestibulandos na área de redação**. - Tese de doutorado defendida pela Unesp – Campus Araraquara, 1999.

Dicionários:

- HOLANDA, A.B. - **Dicionário Aurélio da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1995.
- HOUAISS, A. - **Dicionário Houaiss da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

Outros:

- Parâmetros curriculares nacionais: 3º e 4º ciclos do ensino fundamental: língua portuguesa. Secretaria da Educação Fundamental - Brasília: MEC/SEF, 2001.
- Parâmetros curriculares nacionais: língua portuguesa. Secretaria de Ensino Médio – Brasília: MEC/SEM, 1998.